

RELAÇÕES ENTRE TRABALHO, EDUCAÇÃO, PEDAGOGIA E DIDÁTICA

Marlene Lucia Siebert Sapelli

Para explicitar as relações entre Educação, Pedagogia e Didática, faz-se necessário apresentar a categoria que, na perspectiva do materialismo histórico dialético, dá sustentação às três: o trabalho. Assim procedendo, estaremos, inclusive, anunciando a não neutralidade das análises e nosso compromisso com o método que explicita nossa opção de classe.

O trabalho geralmente é visto como o modo de produzir bens e serviços ou como fornecedor de um emprego ou de rendimentos, porém devemos compreendê-lo antes, como ação transformadora do homem. Pode-se dizer que o trabalho é a forma do ser humano “ser” e como disse Marx “*é o que o distingue dos animais*”, ou “*tal como produz assim ele é*”.

Não nascemos humanos, mas potencialmente humanos. Segundo Saviani (2005, p. 225), “o ser do homem, a sua existência, não é dado por natureza, mas é produzido pelos próprios homens”. Só o que o homem traz no seu aparato biológico ao nascer não é suficiente para viver. E isso o difere dos animais que trazem no seu aparato biológico quase todos os elementos para sua sobrevivência.

Antunes (2004), ao analisar os escritos de Engels, afirma que neles o autor considerava o trabalho condição básica e fundamental de toda a vida humana ao ponto de afirmar que o trabalho criou o próprio homem. O próprio corpo do homem foi se transformando nesse processo, portanto, em parte, é produto dele. O trabalho coletivo levou à necessidade da linguagem. Com o trabalho e com a palavra articulada o próprio cérebro foi se transformando, com isso as necessidades humanas foram se modificando e, em consequência, também sua forma de viver. Passou a fazer uso do fogo, a domesticar os animais, a caçar, a pescar, a dedicar-se à agricultura e, mais tarde, à fiação e à tecelagem, à elaboração de metais, à olaria e à navegação. O homem foi modificando a forma de trabalhar e no mesmo processo a si mesmo. Assim, o homem foi atuando sobre a natureza cada vez de forma mais intencional, passando a

planejar o trabalho. Segundo Katz, Braga e Coggiola (1995, p. 11) “o intercâmbio que o homem realiza com a natureza mediante o trabalho não é um ato instintivo-biológico, mas uma ação consciente”.

Para realizar o trabalho, o homem foi criando vários instrumentos e várias formas de fazê-lo. Assim, foi dividindo o trabalho e essa divisão provocou a divisão dos homens, que divididos foram se organizando em classes, constituindo uma sociedade de classes. Se o homem se faz pelo trabalho e esse trabalho é realizado com o outro, ele tem um aspecto coletivo, portanto coletivamente vai produzindo o conhecimento. Então, o conhecimento é produto do trabalho humano que precisa ser socializado aos outros homens. Isso acontece por meio da educação. É preciso, então, entender educação também como processo de socialização do que a sociedade já produziu, portanto, mediadora entre a sociedade e a “pessoa”. As questões da educação são engendradas nas relações que os homens estabelecem ao produzir sua existência. A educação, portanto, não é neutra, é política, não é deslocada do contexto, é processo situado social e historicamente. A educação é instrumento de socialização do resultado do trabalho e é trabalho.

Segundo Wachowicz (1995), a educação não se reduz à transmissão do conteúdo cultural, mas de apropriação de uma realidade, não só de um conteúdo elaborado sobre essa realidade. Consideramos o entendimento da autora mais amplo porque percebe o sujeito como ativo e indica a educação como ação, como trabalho.

O processo de educação é situado histórica e geograficamente, portanto, acontece de formas diferentes em cada tempo e em cada espaço. Segundo Pimenta (2001) a educação como prática social humana, é um fenômeno móvel, histórico, inconcluso, que não pode ser captado na sua integralidade, senão na sua dialeticidade. Considerar que há diversidade na forma de ser da educação provoca a necessidade de compreendê-la, de investigá-la e teorizá-la.

E é justamente assim que se engendra a Pedagogia. Podemos afirmar, segundo Wachowicz (2001), que a educação é a ação e a Pedagogia é a teoria construída a partir dessa ação. Mazzotti (2001) contribui para essa reflexão e

afirma que a Pedagogia é uma reflexão sistemática sobre a prática educativa. O autor também afirma que a Pedagogia é uma rede de significações sobre o fazer educativo. Pimenta (2001) afirma que Pedagogia seria um saber (uma ciência?) que estuda a educação. A definição de Pedagogia por diferentes autores não demonstra grandes controvérsias, porém, quando se problematiza a questão epistemológica (a discussão do objeto) da Pedagogia, há um debate significativo. E essa é uma questão importante, pois é necessário termos clareza, segundo Pinto (*apud* Pimenta, 2001), da natureza do nosso trabalho.

Seria a Pedagogia uma ciência da educação? Em vez de Pedagogia não teríamos ciências da educação? Seria a Pedagogia uma Filosofia da Educação? Tanto Pimenta (2001) como Mazzotti (2001) e Wachowicz (1995) problematizam a questão e consideram difícil determinar o que é Pedagogia.

Mazzotti (2001, p. 15) afirma que o lugar da Pedagogia entre as ciências que examinam o fazer pedagógico pode ser assim descrito:

A educação escolar – o modo mais sistemático da ação educativa em nossa sociedade – apresenta-se como objeto de investigação para as Ciências do Homem. Assim a Antropologia, a História, a Sociologia procuram investigar as relações sociais que são tecidas no processo de escolarização e por ele. Como um cristal, a educação escolar reflete as luzes das diversas ciências que procuram apreendê-la. Cada uma das ciências procura encontrar na escolarização as características que lhe são relevantes. Quando estas investigações permitem a exposição do movimento mesmo do fazer escolar, alcança-se o desenho da tecitura da escolaridade, até onde é possível, em cada ciência em sua historicidade.

Nessa perspectiva, poderíamos considerar que seria melhor utilizar o termo Ciências da Educação, ou seja, que a Pedagogia busca na Psicologia, na Biologia, na Sociologia e em outras ciências elementos necessários para compreender a complexidade da educação.

Coelho e Silva (*apud* Pimenta, 2001) denomina a Biologia, Psicologia, Antropologia, Etnografia, Sociologia, Economia e Ecologia como *ciências com implicações na educação* e defende a necessidade de se construir o estatuto epistemológico de uma *ciência específica da Educação*. Dias de Carvalho (*apud* Pimenta, 2001) considera as ciências citadas como insuficientes, uma vez que não

partem do fenômeno educativo como problema de investigação. Essas análises nos aproximam do entendimento da Pedagogia enquanto Ciência da Educação.

Quintana Cabanas (*apud* Pimenta, 2001) nos dá elementos para compreender melhor isso ao dizer que a Pedagogia não se dilui nas ciências da Educação, mas se afirma como ciência prática e normativa. Prática, pois se preocupa com uma aplicação imediata; e normativa, porque tem a preocupação de produzir diretrizes pragmáticas para a educação. Assim, chegamos à conclusão de que a Pedagogia é uma ciência prática, diferentemente das demais, porque, segundo Pimenta (2001, p. 57) “parte da prática e a ela se dirige”.

Diante dessas constatações também precisamos levantar a questão da identidade do pedagogo. Se a Pedagogia é uma ciência, então o pedagogo é um cientista da Educação e como tal deve refletir sistematicamente sobre a educação para intervir intencionalmente sobre ela. Há problemas sérios em relação a isso, pois o pedagogo tem sido, na maioria das vezes, um pragmático, um socorrista da operacionalidade precária da escola.

Se a Educação é a ação e gera uma teoria que é a Pedagogia, também ciência prática, é preciso uma mediadora entre elas: a Didática. Segundo Ghiraldelli Jr (1987, p. 9)

A didática, a meu ver, é mediadora entre o pólo teórico (pedagogia) e o pólo prático (educação) da atividade educativa. *O como ensinar, o que ensinar e quando ensinar e o para quem ensinar*, quando ligados à pedagogia, estão impregnados dos pressupostos e diretrizes de uma determinada *concepção de mundo* que, por sua vez, nutre tal pedagogia. Ora, no âmbito da didática, *o como ensinar, o que ensinar, o quando ensinar e para quem ensinar* se consubstanciam em motivação para o educador, sob a luz da *concepção de mundo* que orienta sua pedagogia, procure os instrumentos e as técnicas necessários para que a prática educativa ocorra com sucesso.

Se analisarmos os entendimentos que estamos apresentando de Educação, de Pedagogia e de Didática, percebemos claramente que tais questões podem ou não se referir à escola, pois a Educação não acontece só no espaço e no tempo escolar.

Candau (*apud* Pimenta, 2001, p. 67) apresenta como estruturantes do método didático:

- a) o conteúdo, a estrutura, organização interna específica de cada área do conhecimento (negando, portanto, a teoria do método único);
- b) o sujeito da aprendizagem (apreendido por uma nova psicologia);
- c) o elemento lógico;
- d) o elemento contextual onde se dá a prática pedagógica;
- e) e os fins da educação.

Parece simples explicitarmos o objeto da Didática, mas não é. Como diz Wachowicz (1995) é preciso dialetizar a Didática, ou seja, é preciso compreender num mesmo movimento o momento de formalização e o momento de reflexão, isto é, a escolha de técnicas/recursos, mas também os determinantes dessa escolha. Segundo a autora, o conceito da realidade depende do viés filosófico e o conceito de educação resulta deste conceito de realidade que temos, isto é, a concepção de homem e de mundo é que determina nosso método, portanto nossa Didática. Seria prudente então falar de Didáticas.

A Didática é então responsável também pela definição do método, que muitas vezes se confunde com a metodologia. Sendo assim, para compreender as questões epistemológicas da Educação, da Pedagogia e da Didática e suas relações, obrigatoriamente, precisamos compreender a questão do método que, segundo Wachowicz (1995, p. 40), “é a mediação entre o pensamento e o objeto: enquanto o pensamento busca apropriar-se do objeto, desenvolve-se o método”. O método é, portanto, o modo como apreendemos a realidade e sua escolha está relacionada ao processo de constituição histórica do sujeito que a faz, portanto, marcada pela sua situação de classe, pelas suas convicções.

A maioria dos professores, quando questionados sobre que método adota escorrega para a famosa resposta: “Uso um pouco de cada um. Aproveito o que cada um tem de bom”. Isso, em geral, explicita a não compreensão do professor em relação ao método. Definir o método de trabalho é assumir uma postura clara em relação ao homem que se pretende ajudar a construir e ao projeto social que pretende defender por meio do seu trabalho e, a partir dessas questões, definir conteúdos, técnicas de ensino, formas de avaliação e fontes de

referência. A definição do método pressupõe os outros fatores. Ter clareza disso é definir a direção, a abordagem. “Compreender o método é instrumentalizar-se para o conhecimento da realidade” (PIRES, 1996, p. 86).

Poderíamos afirmar que o método é o conjunto das “vias de consecução do objectivo e o conjunto de determinados princípios e meios de pesquisa teórica e ação prática” (Afanássiev *apud* SAPELLI, 2004, p. 79), ou seja, um caminho que permita, filosófica e cientificamente, compreender a realidade. A escolha de tal conceito não define a direção da discussão que queremos propor, mas contribui para iniciar a reflexão. Podemos, no processo de definição do método, adotar a perspectiva *idealista* e apoiarmo-nos na primazia das ideias e considerarmos o mundo como produto da consciência ou a perspectiva *materialista mecanicista* e, apesar de referenciarmos a materialidade, conformarmo-nos com o determinismo das condições concretas na vida do homem.

Talvez não seja exatamente uma *escolha*. O professor e a pessoa que é o professor jamais se separam, portanto a opção pelo método está intimamente relacionada à condição de *sujeito* do mesmo ou com os limites da sua necessidade de sobreviver. Apesar de compreendermos isso, queremos propor uma reflexão sobre a perspectiva materialista dialética histórica do método, considerando que nem os tempos são estáticos e nem os sujeitos o são. A sua lógica é a “possibilidade de compreensão da realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (Konder *apud* PIREs, 1996, p. 84).

Quando o professor, a partir do sujeito que é, define seu método, toda e qualquer ação sua será orientada por ele. Compreender isso é dialetizar a Didática. É possível aplicar esse método ao trabalhar com os conhecimentos de qualquer área, desde que entendamos que conhecer, segundo Marx, não é um ato, mas um processo.

Aplicar o método materialista dialético-histórico no trabalho cotidiano da Escola é trabalhar a realidade de forma a explicitar as suas contradições, a sua totalidade e as mediações. Segundo Konder (2000), se não enxergarmos o todo, podemos atribuir um valor exagerado a uma verdade limitada (transformando-a

em mentira), prejudicando a nossa compreensão de uma verdade mais geral. Nesse método, a prática social concreta é sempre o ponto de partida, a base e o objetivo final no processo do conhecimento.

Assim, concluímos que há uma íntima relação entre Trabalho, Educação, Pedagogia e Didática. O trabalho é a forma de produção da vida e do próprio homem e por meio dele se produzem conhecimentos que podem ser socializados por meio da educação. Essa é um processo humano complexo que precisa ser entendido, ser investigado. A ciência que responde a essa necessidade é a Pedagogia que encontra, por sua vez, na Didática as formas de consolidar-se e essa consolidação implica em opções tanto de método como de técnicas, conteúdos e recursos.

Referências

ANTUNES, Ricardo. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

GHIRALDELLI JR, Paulo. **O que é Pedagogia?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

KATZ, Cláudio; BRAGA, Ruy e COGGIOLA, Osvaldo. **Novas tecnologias: crítica da atual reestruturação produtiva**. São Paulo: Xamã, 1995.

KONDER, L. **O que é dialética?** São Paulo: Brasiliense, 2000.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Estatuto de cientificidade da Pedagogia. In: PIMENTA, Selma Garrido (coordenação). **Pedagogia, ciência da educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. Panorama atual da Didática no quadro das Ciências da Educação: Educação, Pedagogia e Didática. In: PIMENTA, Selma Garrido (coordenação). **Pedagogia, ciência da educação?** 3 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIRES, M. F. de C. **O materialismo histórico dialético e a Educação**. Texto apresentado na mesa redonda: Paradigmas de Interpretação da Realidade e Projetos Pedagógicos, organizada pelas disciplinas de Pedagogia Médica e

Didática Especial dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina da UNESP, campus de Botucatu, em agosto de 1996.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert **Escola:** espaço de adestramento ou contradição? Cascavel/PR: Coluna do Saber, 2004.

SAVIANI, Dermeval. Educação Socialista, Pedagogia Histórico-Crítica e os Desafios da sociedade de Classes. In: LOMBARDI, José Claudinei e SAVIANI, Dermeval (orgs). **Marxismo e Educação:** debates contemporâneos. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2005.

WACHOWICZ, Lílian Anna. **O método dialético da didática.** 3 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995